

ALFREDO FERREIRA RODRIGUES: ESBOÇO BIOGRÁFICO E UMA BREVE INCURSÃO À SUA FORMA DE “FAZER HISTÓRIA”

FRANCISCO DAS NEVES ALVES¹

RESUMO

O historiador rio-grandino Alfredo Ferreira Rodrigues constituiu muito a contento o que se poderia considerar um “homem de letras” de seu tempo. Intelectual de monta, teve de enfrentar vários problemas pessoais e familiares que obstaculizaram sua caminhada como historiador. Ainda assim, Rodrigues empreendeu copiosa obra e foi um dos precursores na edificação historiográfica sobre o Rio Grande do Sul, com ênfase à Revolução Farroupilha. Este trabalho busca apresentar alguns aspectos da biografia do autor e de sua visão quanto às formas de “fazer história”.

PALAVRAS-CHAVE: Alfredo Ferreira Rodrigues, história, historiografia, Revolução Farroupilha.

A história sem documentos de nada vale e eu quero apresentar um trabalho consciencioso, em que não haja afirmativa que não possa comprovar, e que seja ao mesmo tempo a glorificação daqueles heróicos campeões.

Alfredo Ferreira Rodrigues

Ser historiador na virada do século XIX era ainda uma experiência pouco comum nas terras sul-rio-grandenses. Não havia a figura do estudioso ligado especificamente à história e sim alguns “homens de letras” que se dedicavam aos mais variados campos do conhecimento humano. Nesse sentido, história, geografia, biografia, literatura, jornalismo, entre tantas outras áreas do saber, tinham sua construção levada à frente por esses intelectuais que gravitavam com tranqüilidade entre uma e outra, atuando nos meios de divulgação à época disponíveis e agindo como difusores culturais. Nesse ambiente esteve inserido Alfredo Ferreira Rodrigues, um dos mais importantes

¹ Prof. da FURG; Doutor em História – PUCRS.

pesquisadores de seu tempo no contexto rio-grandense-do-sul. A prática da ciência histórica não lhe daria o sustentáculo necessário à manutenção de sua sobrevivência e a de sua família, obrigando-o a uma diversidade de atividades profissionais. Entretanto, esses óbices não o impediram de continuar porfiando nas searas dos estudos históricos, vindo a empreender uma copiosa e valiosa obra que muito viria a influir na construção de discursos historiográficos acerca da história gaúcha e, mormente, no que diz respeito à Revolução Farroupilha.

ALFREDO FERREIRA RODRIGUES: ALGUNS TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Alfredo Ferreira Rodrigues nasceu a 12 de setembro de 1865, numa das localidades mais antigas do Rio Grande, o Povo Novo, que por sua denominação, acabaria por ser mais um elemento a ser incorporado aos bem-humorados trocadilhos sobre a veterana cidade portuária. Alguns de seus biógrafos ressaltam em Rodrigues uma personalidade introvertida, ou seja, era um menino quieto que se tornou homem sereno, talhado para aquilo que lhe traria notório reconhecimento, a qualidade de reunir documentos e a redação de textos históricos e culturais. Desde os dois anos de idade, o menino Alfredo viveu na vizinha cidade de Pelotas, aos cuidados de seu cunhado Bernardo Taveira Júnior¹, o qual exerceria indelével influência na carreira intelectual de Rodrigues².

O jovem Alfredo terminou o curso secundário e foi preparado pelo cunhado para os exames do curso de humanidades a serem realizados na capital da Província. Uma tragédia familiar acabaria por constituir momento de inflexão na vida de Rodrigues. Aos dezesseis anos perdeu seu pai, e, como o cunhado Taveira Júnior passava por dificuldades financeiras, ele teve de desistir de seus projetos de vida no que tange ao estudo superior, passando a trabalhar para garantir o seu sustento e o da família. Num primeiro momento, dedicou-se ao magistério, lecionando Matemática, Geografia, História, Inglês e outras disciplinas

¹ Bernardo Taveira Júnior (Rio Grande, 1836 – Pelotas, 1892) foi professor de Português, Inglês, Latim e História, poeta, teatrólogo, jornalista, cronista e tradutor. Pertenceu ao Grêmio Literário Rio-Grandense. Era abolicionista e republicano. Sobre Taveira Júnior, ver: MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/IEL, 1978. p. 576-577; NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande, 1987. t. 2. p. 87-89; PORTO ALEGRE, Aquiles. *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ERUS, s. d., p. 150-151; e VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*: autores. Porto Alegre: A Nação/IEL, 1974. p. 508.

² RUSSOMANO, Mozart Víctor. A vida silenciosa de Alfredo Ferreira Rodrigues I. *Província de São Pedro*. Porto Alegre: Globo, n. 18, p. 47, 1953.

em estabelecimentos de ensino na cidade de Pelotas, como no Colégio de Madame Jeanneret, no Nacional, no Evolução, entre outros. Tendo em vista a remuneração insuficiente para seus encargos, o promissor Alfredo, que sempre se inclinara às atividades intelectuais, teve de abandonar a cátedra para se empregar, ainda em Pelotas, a partir de 1887, como revisor na Livraria Americana³.

Ao menos o destino não afastara Rodrigues de todo das lides intelectuais, tendo em vista seu novo lugar de trabalho. Em 1891, ele foi promovido a gerente e transferido para a filial da Livraria Americana na cidade do Rio Grande. Nesse meio-tempo, a partir de 1889, começou a publicar um de seus mais importantes trabalhos, o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, que foi editado anualmente até 1917, trazendo, além de matérias de variada natureza e entretenimento, textos culturais de alguns dos expoentes da intelectualidade gaúcha de então, entre eles o próprio Alfredo, um dos que mais contribuiu com a publicação. No *Almanaque*, Ferreira Rodrigues conseguiria o espaço necessário para a divulgação de sua já profícua e copiosa produção. Em dezembro de 1893, casou-se com Honorina Silveira, união da qual adviria numerosa prole.

Em 1910, as dificuldades financeiras mais uma vez batiam à porta do pai de família Alfredo. Eram treze filhos para alimentar e educar, além de um sem-número de parentes, a quem não negava ajuda. Em busca de melhores condições de existência, ele passou a atuar como caixeiro-viajante, da firma Lopes & Faral, estabelecida com farmácia na cidade do Rio Grande. O novo emprego destinou a Rodrigues a função de peregrinar pelos mais recônditos lugares do Rio Grande do Sul, tendo de enfrentar a precariedade dos meios de transporte de então, a distância da família, as preocupações com a situação financeira, num meio que nada estimulava sua verve intelectual. Mais uma vez o destino pregava uma peça no estudioso, criando-lhe obstáculos substanciais à carreira de escritor. Ainda assim, ele não esmoreceu e, mesmo que em hotéis do interior ou no trepidar dos trens, continuou a elaborar os textos com os quais rechearia seu *Almanaque* por ainda quase uma década⁴.

As constantes viagens ao menos permitiram a Alfredo Ferreira Rodrigues um contato mais direto com muitas das paisagens e com tipos humanos do interior gaúcho que, através da tradição oral, lhe

³ RUSSOMANO, 1953, p. 48. Antes disso, em 1884, junto com outros companheiros, Rodrigues fundou em Pelotas o semanário *A Pena*, e no mesmo ano, com os mesmos companheiros, criava o Centro Abolicionista. Cfe. ROSA, Othelo. Alfredo Ferreira Rodrigues. *Província de São Pedro*. Porto Alegre: Globo, n. 20, p. 108, 1955.

⁴ RUSSOMANO, 1953, p. 48.

davam informações que, por sua vez, transformavam-se em pistas para sua incansável procura por documentos. As atividades comerciais, no entanto, cada vez mais tomavam conta do cotidiano de Rodrigues. Em 1914, junto de seu antigo empregador, Antonio Carlos Lopes, ele fundaria a Drogaria Unicum, cujo nome advinha da denominação de “Único” que o próprio Rodrigues granjeara em suas andanças pelo interior do Rio Grande, tendo em vista seu dinamismo e sua cultura⁵. Ligado intrinsecamente às lides mercantis, Ferreira Rodrigues envelheceria no trabalho. Uma outra perda marcaria de modo trágico a sua vida, agora a de um filho, ceifando-lhe mais uma porção da vontade de continuar sua empreitada cultural. Chegou a afirmar que “morria para as letras”, perdendo o “vício” de pesquisar e escrever. Pouco a pouco deixaria de lado a carreira intelectual, dedicando-se quase que exclusivamente ao trabalho e à família, da qual, enquanto pôde, escondeu as reais condições de sua saúde. Em seus últimos anos, Alfredo voltaria a residir em Pelotas e, já em seus estertores, faria uma última visita ao seu velho Povo Novo, pouco antes de falecer, a 8 de março de 1942, na Beneficência Portuguesa daquela cidade⁶.

Como intelectual, Alfredo Ferreira Rodrigues desenvolveu extensa obra. Além dos textos editados no seu *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, publicou livros, livretos e artigos, mormente em periódicos⁷. Um de seus maiores objetivos foi o de reunir documentos sobre a história gaúcha, com ênfase para o evento que se tornaria o principal fulcro de sua obra – a Revolução Farroupilha⁸. Rodrigues chegou a publicar uma série de “apedidos” junto à imprensa, no sentido de anunciar sua busca por documentos. Assim, conseguiu reunir, em sua época, provavelmente a mais completa coleção de fontes acerca do Rio Grande do Sul e principalmente sobre a Farroupilha. Posteriormente, já alquebrado e desistindo de sua carreira de

⁵ ROSA, 1955, p. 109. Conforme esse autor, em 1937, a Sociedade Anônima Drogaria Unicum faria fusão com a Drogaria Sequeira, de Pelotas, para onde Rodrigues novamente se transferiria, no mesmo ano.

⁶ RUSSOMANO, 1953, p. 49-52.

⁷ Sobre o conjunto da obra do escritor, ver: MARIANTE, Hélio Moro. *Alfredo Ferreira Rodrigues*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982; MARTINS, 1978, p. 495-497; e VILLASBÔAS, 1974, p. 432-436.

⁸ Acerca da relevância de Ferreira Rodrigues para a historiografia da Revolução Farroupilha, examinar: ALVES, Francisco das Neves. A gênese do mito da Revolução Farroupilha: a construção discursiva de um historiador rio-grandense. In: *Anais da XXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Rio de Janeiro: SBPH, 2003. p. 287-294; e LISBOA, Cátia Rejane Machado. Alfredo Ferreira Rodrigues: o historiador e a Revolução Farroupilha. In: ALVES, F. N. (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 35-46.

historiador, Ferreira Rodrigues entregaria seu acervo para o Arquivo Histórico do Estado⁹, e outros documentos remanescentes seriam doados à Biblioteca Rio-Grandense¹⁰.

Em seus escritos, Rodrigues utilizou-se de vários cognomes, iniciais e pseudônimos, como ao publicar charadas, em que assinou Bargoisse e Didino; já em crônicas, ensaios, estudos, notas, informações, aparecem muitas vezes A., A. R., A. F. R., ou A. Rodrigues, e ainda Manoel de Souza e Azevedo, Manoel de Soiza Azevedo, ou Manoel de Soiza, numa homenagem ao seu avô materno¹¹. Como intelectual, pertenceu aos quadros sociais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Academia Rio-Grandense de Letras¹².

De acordo com os padrões culturais e historiográficos de sua época, Alfredo Rodrigues executou a contento a função de historiador. Assim, apesar de sua múltipla atividade intelectual, Rodrigues foi, por

⁹ Ver: ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. *Inventário da Coleção Ferreira Rodrigues*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, Subcomissão de Publicações e Concursos, 1985.

¹⁰ Observar: ALVES, Francisco das Neves. Documentos de um historiador rio-grandino: a Coleção Alfredo Ferreira Rodrigues no acervo da Biblioteca Rio-Grandense (levantamento parcial de fontes). In: ALVES, F.N. (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 11-33. A respeito do arquivo de Rodrigues, Othelo Rosa cita o escritor Guilhermino Cesar: "Esse homem, em verdade organizou um arquivo para a posteridade"; e o próprio Rosa complementa: "Uma ordem metódica preside a tudo. As próprias cópias são feitas com limpeza e atenção máxima, de modo a excluir a possibilidade de erros de leitura e, principalmente, de erros de interpretação. E o que se sente, sobretudo, naqueles papéis empoeirados e velhos, naqueles recortes de jornais, naqueles cadernos bem cozidos, é o amor, o grande e profundo amor do homem pela história do Rio Grande do Sul" (ROSA, 1955, p. 111). Castilhos Goycochea assim se expressa a respeito da carreira de Rodrigues: "Fez-se historiógrafo, desde a mocidade, para reabilitar a Guerra dos Farrapos, até então denegrida pelos escribas ligados ao trono imperial. E nesse afã bateu às portas de todas as estâncias de nossa terra, na caça aos documentos e aos depoimentos, num peregrinar edificante pelas canhadas e coxilhas, pelas serras e pelas matas. Onde soubesse que havia qualquer pessoa ou coisa que pudesse esclarecer o passado gaúcho, lá comparecia para ouvir aquela e adquirir ou copiar o que houvesse. E tudo, testemunhos e provas, ia publicando no seu famoso *Almanaque do Rio Grande do Sul*. De modo que, muito do que hoje se lê, ou se leu ultimamente, a respeito da Guerra dos Farrapos e da Guerra do Paraguai, pode ser que traga assinatura diversa da de Alfredo Ferreira Rodrigues; o autor espiritual, porém, foi ele". GOYCOCHEA, Luis Felipe de Castilhos. Preto de saudade. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado, 2. trim. 1943. p. 176-177.

¹¹ RUSSOMANO, 1953, p. 53.

¹² ROSA, 1955, p. 109.

excelência, o historiador, dando os primeiros passos do que viria a constituir um tratamento científico para com a história. Interessou-se por toda a história nacional, mas se especializou na história regional, com destaque para o tema que lhe despertou verdadeira paixão, a Guerra Civil Gaúcha de 1835-1845. Seus escritos vinham a público principalmente através das edições do *Almanaque* por ele organizado, o qual, quando lançado, rapidamente esgotava-se. Ferreira Rodrigues escreveu ensaios e críticas em estilo simples, desataviado e agradável. Homem modesto, destinado a uma vida silenciosa e sem busca de projeções, deixando esse intento para outros, ele redigia com espontaneidade e sem a menor preocupação de causar efeito. Desse modo, seus estudos tinham alcance popular, pois não só a matéria por seu ineditismo despertava a atenção pública, como o método e a clareza da exposição os colocavam ao alcance da inteligência de todos¹³.

Nesse quadro, Alfredo Ferreira Rodrigues dedicou-se incansavelmente a desvelar o passado da Revolução Farroupilha. De acordo com o prisma historiográfico reinante, sua perspectiva fundamental era a de historiar os “personagens notáveis” do “decênio heróico”. Assim, Ferreira Rodrigues seria, na virada do século XIX ao XX, um dos mais importantes articuladores da elevação de um monumento-túmulo a Bento Gonçalves da Silva, apontado como a liderança máxima do movimento farrapo. Ao trabalhar firmemente no erguimento da estátua, Rodrigues reproduzia seus objetivos ao entabular seus estudos de cunho histórico, quer seja, a história, através dos personagens por ela retratados, deveria servir como exemplo cívico ao comportamento das gerações futuras. Apesar de ser um dos principais responsáveis pela edificação do monumento a Bento Gonçalves, o escritor rio-grandino acabaria por afastar-se da comissão que realizou os trabalhos da mesma, por discordâncias quanto aos rumos tomados pela homenagem. Esse afastamento de Rodrigues acabaria por constituir mais uma das suas decepções de vida que viria a contribuir com seu desligamento das lides culturais¹⁴.

Apesar da relevância da obra de Alfredo Ferreira Rodrigues, o escritor Mozart Victor Russomano destaca que o mesmo foi injustiçado durante as comemorações de 1935. Afirma Russomano que Rodrigues

¹³ RUSSOMANO, Mozart Victor. A vida silenciosa de Alfredo Ferreira Rodrigues II. *Província de São Pedro*. Porto Alegre: Globo, n. 19, p. 53-54, 1954.

¹⁴ A respeito da participação de Ferreira Rodrigues e suas posições no erguimento do monumento-túmulo a Bento Gonçalves, ver: ALVES, Francisco das Neves; FUÃO, Juarez José Rodrigues. *Estatuária na cidade do Rio Grande nos primórdios da República Velha (1889-1909)*. Rio Grande: FURG, 2005.

dedicou todas as suas forças intelectuais à salvação dos símbolos do Rio Grande, tendo sido esta a mola que o impulsionara, vigorosamente, para as pesquisas históricas em geral e, em particular, para o estudo da história da Guerra dos Farrapos. Apesar desse esforço, o analista do levante farroupilha teria sofrido, quando ainda vivo, por ocasião dos festejos comemorativos do primeiro centenário da Revolução Farroupilha, enorme injustiça, uma vez que, em todo o Rio Grande do Sul, durante vários dias, incessantemente repetiram-se coisas que Rodrigues descobrira e contaram-se fatos que ele conhecera em primeira mão. Nesse quadro, segundo Mozart Russomano, ninguém se lembrou de prestar-lhe a merecida homenagem, de modo que o historiador da Revolução foi de todos esquecido, exatamente no momento em que se festejava aquele evento histórico, através das “verdades” que, em grande parte, ele próprio oferecera à crítica dos doutos e ao conhecimento do povo. O mesmo escritor arremata, destacando que tão profundo foi o silêncio que pesou sobre os últimos anos de Ferreira Rodrigues que ele teria provado a *morte em vida*¹⁵. Esse “esquecimento” de Alfredo Ferreira Rodrigues seria ao menos amenizado em sua terra natal por ocasião das comemorações de seu centenário, quando a coletividade decidiu por erguer um busto em sua homenagem, em 1965.

ALFREDO FERREIRA RODRIGUES E O SEU MODO DE “FAZER HISTÓRIA”

Na virada do século XIX para o XX, a figura do historiador era ainda pouco definida no contexto gaúcho. Havia, isto sim, o *status* de alguns intelectuais que, ligados à cultura como um todo, numa visão bastante generalista, se dedicavam a resgatar alguns episódios do passado nacional, regional e local¹⁶. Essa intelectualidade estava fortemente ligada a uma história vinculada primordialmente ao levantamento dos fatos, reproduzindo um modelo pelo qual a história é movida pelas individualidades, ou seja, os líderes, os heróis, os mitos que, através de suas ações, moldavam os destinos das comunidades humanas. Nessa época, os acontecimentos eram os elementos marcantes da construção historiográfica, demarcando-se de forma estritamente cronológica a evolução das sociedades, sem qualquer

¹⁵ RUSSOMANO, 1954, p. 55 e 61.

¹⁶ Ver: ALMEIDA, Marlene Medaglia. *Introdução ao estudo da historiografia sul-riograndense*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Ciência Política e Sociologia, 1983. mimeo. p. 167.

preocupação com a história-processo. Os trabalhos eram demarcados pela narração descritiva, sem maior espaço, às vezes nenhum, para uma interpretação analítica dos fundamentos históricos das questões abordadas. Fazer história nesse momento significava, acima de tudo, apontar para os episódios do passado, fazendo com que servissem como lições para o presente, devendo-se, portanto, seguir os exemplos dados pelos antepassados, mormente no que tange às demonstrações patrióticas e de abnegação diante do valor maior que era a nação. Esse estilo de fazer história é característico desta fase dos primórdios da estruturação da figura do historiador, mas iriam demarcar profundamente e por longo tempo as formas de pesquisar e escrever a história no Rio Grande do Sul.

Nesse quadro esteve inserido Alfredo Ferreira Rodrigues. Ao pesquisar a Revolução Farroupilha, por diversas vezes o historiador expressou algumas de suas convicções quanto à forma de escrever a história. Numa dessas asserções, ele explicava que haveria necessidade de uma pausa entre o desenrolar dos acontecimentos e a execução da análise histórica, para se tratar certos detalhes da guerra civil, daí ser preciso evidenciar apenas alguns dos elementos que a compunham, de preferência, os mais “nobres”, em detrimento daqueles diretamente ligados ao conteúdo de violência. Segundo Rodrigues, ainda não era chegada a época em que esses acontecimentos deveriam ser escritos, uma vez que seria impolítico, senão imprudente, pôr no domínio do público os atos que ali foram praticados no correr da revolução e debaixo da efervescência dos partidos, muitos dos quais se achavam ainda ignorados e outros estavam como encobertos, de modo que esse drama sanguinolento só deveria ser revelado ao público quando seus autores deixassem de pertencer ao teatro em que foram representantes; porque só então, calmos os ânimos e mortas as paixões, poderiam ser seus atos encarados e vistos pelo prisma da imparcialidade¹⁷.

Um dos fundamentos básicos que Ferreira Rodrigues tentou utilizar nas suas construções históricas esteve ligado à busca da verdade, objetivando assim, legitimar seus escritos a partir do pressuposto da “verdade histórica” que seria expressa através do exame metucioso e honesto dos documentos. Nesse sentido, afirmou que o único fim de suas pesquisas era restabelecer a verdade de alguns fatos¹⁸. Referindo-se à rede de informações que estabeleceu através de

¹⁷ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Breves considerações sobre a Revolução de 20 de Setembro de 1835*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1905. p. 219.

¹⁸ RODRIGUES, 1905, p. 219.

um sem-número de correspondências emitidas às mais diversas pessoas em busca de dados sobre o processo revolucionário, o escritor destacou que toda a sua correspondência relativa à revolução estava cuidadosamente arquivada em copiadores, sendo a partir deles possível reconstituir toda a marcha de seu pensamento, explicando que esta marcha fora sempre voltada para a verdade, já que a considerava como o único fim digno a que pudesse aspirar um historiador¹⁹.

Nessa linha, outro elemento apontado como fundamental para os trabalhos de construção histórica, na perspectiva de Alfredo Rodrigues, era a necessidade de amearhar documentos para, a partir de sua descrição, entabular suas pesquisas. De acordo com ele, a história sem documentos de nada valia, de modo que pretendia apresentar um trabalho consciencioso, em que não houvesse afirmativa que não se pudesse comprovar²⁰. Nesse afã de buscar os “papéis” sobre a revolução, Rodrigues chegou a apresentar um “apedido” para publicar em jornais gaúchos, expressando seus objetivos no sentido da coleta de dados. No aviso, destacava que há muitos anos reunia documentos para reconstituir a história desta “época memorável”, tendo já um arquivo bastante valioso, porém com grandes lacunas, rico de informações sobre um período e completamente vazio no referente aos anos seguintes. Na sua perspectiva, deveria haver no estado grande soma de documentos, parte de arquivos de chefes militares de então, e seu temor era de que estes viessem a desaparecer aos poucos, pois nem todos os seus possuidores calculariam o valor histórico que eles tinham. Assim, fazia um apelo aos rio-grandenses, pedindo a remessa dos “papéis” relativos à revolução, comprometendo-se a devolvê-los, sem a menor falta, depois de copiar deles as informações que parecessem aproveitáveis. Segundo ele, cartas, proclamações, ordens do dia, jornais, apontamentos, tudo servia, já que às vezes uma carta, uma notícia à primeira vista insignificante teria grande importância, pois poderia fixar uma data, assinalar um nome, descobrir a pista de um fato desconhecido. De acordo com essa idéia, concluía o historiador destacando que estes documentos, se espalhados, de pouco serviriam, porém, uma vez reunidos, aumentariam de valor, tornando-se um guia seguro para quem tentasse fazer reviver o passado rio-grandense²¹.

Ao abordar a história da “grande revolução”, Ferreira Rodrigues

¹⁹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Bento Gonçalves da Silva – suas convicções monarquistas – o que sempre pensei a respeito*. Rio Grande: Livraria Americana, 1906a. p. 6.

²⁰ Correspondência de Alfredo Ferreira Rodrigues de 31 de outubro de 1896 (acervo da Biblioteca Rio-Grandense).

²¹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Revolução de 1835. In: MARIANTE, 1982, p. 63-64.

defendeu ardorosamente a necessidade de algumas mudanças na mentalidade coletiva a respeito da mesma, mormente no que tange ao seu caráter republicano e separatista, e buscou resgatar a memória de certos personagens, tentando absolver alguns e imputar culpas a outros. Nesse sentido, argumentava que o historiador deveria sempre estar pronto para mudar algumas perspectivas e visões históricas, ainda que arraigadas pelo tempo, desde que isso fosse sustentado pelas fontes e embasado no respeito à “verdade histórica”. Para Rodrigues, o historiador, menos do que ninguém, tinha o direito de formular uma opinião imutável, pois, se algumas asserções viessem a ser modificadas, fundadas na descoberta de novos documentos, não cairia em contradição, pois se falava com sinceridade, dava apenas mais um passo em direção à verdade. Na mesma linha, considerava que o estudioso da história que desse modo se comportava não se rebaixava, ao contrário, se elevava, porque estaria prezando mais a verdade do que a sua própria opinião. De acordo com a perspectiva de Alfredo Ferreira, o historiador deveria formular suas asseverações, mas, quando o estudo dos fatos e dos documentos, não o estudo superficial dos fazedores de frases, mas o estudo meditado à luz da crítica histórica, o conduzisse a conclusões diametralmente opostas, ele tinha o direito, e mesmo o dever, de declarar que errou e que a verdade seria outra²².

Outra das características de Alfredo Ferreira Rodrigues no seu *modus operandi* estava na visão de uma história centrada nos “grandes homens”, ou seja, as individualidades, os líderes normalmente, como elementos motores da evolução histórica. Essa perspectiva ficava evidente a partir das principais interrogações emitidas a seus interlocutores ao longo de inúmeras das correspondências que emitiu buscando captar informações e documentos acerca da revolução. Nessa linha, muitas vezes o escritor solicitou a resposta a um “questionário”, com as seguintes indagações: Data e lugar de nascimento; Nome dos pais e avós e se algum deles ou outro ascendente foi militar; Onde se educou e que instrução recebeu; Quando abraçou a carreira das armas, se por vocação, se forçado pela vontade paterna ou outras circunstâncias; Que irmãos teve e quais destes foram militares; Em que época abraçou a causa da revolução de 35 e que motivos o levaram a isso; Em que posto começou servindo e que ascensão teve no exército republicano; Que influência teve na revolução, em que combates entrou e como aceitou a conclusão da paz; Que fez depois da pacificação da Província, quando voltou ao serviço militar e por que motivo; A que partido político se filiou, que serviços lhe

²² RODRIGUES, 1906a, p. 11.

prestou e que cargos públicos exerceu; Que recompensa lhe ofereceu o Império e como a aceitou; Quando, com quem casou e que filhos deixou; Em que data morreu, onde e de quê; Particularidades pessoais, tais como estatura, expressão da fisionomia, traços característicos do militar e do cidadão, etc.²³

Esse conjunto de perguntas, que prestigiava acima de tudo a biografia dos líderes revolucionários, revelava o enfoque primordial da abordagem do autor na escolha do objeto central de sua pesquisa. De acordo com essa abordagem, o tema fundamental a que Alfredo Rodrigues dedicou grande parte de seus esforços como historiador, a Revolução Farroupilha, foi considerado como um dos momentos máximos da história gaúcha. Ainda que, em suas primeiras impressões a respeito do movimento, Rodrigues não discordasse abertamente do senso comum que norteava as pesquisas, interpretações e versões sobre a guerra civil, progressivamente ele foi modificando algumas dessas perspectivas, notadamente no que tange ao republicanismo e ao separatismo como intrínsecos ao conjunto da rebelião. No momento em que trazia a público a maior parte de seus trabalhos, o autor já professava idéias que negavam a ruptura institucional como um dos baluartes de todas as lideranças revolucionárias, isentando muitas delas, com destaque para seu ídolo maior, Bento Gonçalves.

O escritor rio-grandense sustentou largamente o argumento de que o rompimento institucional de parte dos revoltosos farroupilhas só ocorrera como o “último recurso”, ou seja, a única alternativa viável diante das circunstâncias de então, na correlação de forças entre os grupos em conflito. Nessa linha, Rodrigues também defendeu ardorosamente que, apesar da revolução, permaneceu a Província vinculada à identidade nacional, isto é, apesar da ruptura, o Rio Grande do Sul não deixara de ser brasileiro, explicando que a revolução, a par das idéias liberais que incontestavelmente a impulsionaram, fora em sua essência um movimento de nativismo²⁴. Defendia que a maioria das lideranças do movimento de 1835 não foram adeptas do republicanismo separatista, aceitando-o pela força das contingências, destacando que, no caso da Farroupilha, como quase todos os chefes de comoções populares, dado o primeiro passo, sentiram-se os líderes farrapos arrastados pelo movimento a que haviam dado impulso.

²³ Correspondência de Alfredo Ferreira Rodrigues de 6 de fevereiro de 1897 (acervo da Biblioteca Rio-Grandense).

²⁴ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Bento Gonçalves da Silva: seu ideal político – a revolução e a república. In: *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul para 1906*. Rio Grande: Livraria Americana, 1906b, p. 7.

Eleito como personagem principal das narrações históricas de Ferreira Rodrigues sobre a Farroupilha, Bento Gonçalves da Silva aparecia como elemento exponencial no desenrolar dos acontecimentos, de modo que o autor personificava neste protagonista o caráter geral não-separatista da revolução, defendendo ardorosamente o monarquismo do líder farrapo, que só teria aceito a república a partir das “forças do destino”. Ao referir-se àquele chefe, o historiador determinava que, quando o rompimento pelas armas parecia inevitável, Bento, que se achava numa situação extremamente delicada, colocado entre o governo imperial, a quem devia submissão e fidelidade, e os seus aliados, que por ele se haviam comprometido, acompanhando-o na revolução, não hesitou um só momento pelos últimos. Nesse sentido, prosseguia explicando que aquele líder fizera tudo para evitar a luta, porém não poderia fugir dela sem felonias, prevalecendo nele mais os sentimentos de lealdade que as suas convicções políticas, permanecendo ao lado de seus amigos. De acordo com Rodrigues, esse procedimento fora muito mais humano e mais digno que o do chefe de facção que, faltando à lealdade, esconde o seu modo de pensar, para obrigar os outros a servi-lo em seus planos. O autor arrematava, dizendo que este sacrifício, este desprendimento, esta abnegação de si mesmo, da parte de Gonçalves, foi o traço característico de seu “magnânimo coração”, de que ficaram “rasgos nobilíssimos” a sublimar-lhe o nome em toda a história da república²⁵.

Para o escritor, o monarquismo não diminuía o “valor” heróico e histórico de Bento Gonçalves, destacando que sempre procurara exaltar os méritos pessoais e os “extraordinários feitos” do “famoso guerreiro rio-grandense”, cuja vida, cortada de “épicas façanhas” e de “trágicas aventuras”, encheu muitas das mais belas páginas da história sul-rio-grandense, representou saliente papel no grande movimento de 1835 e a tradição popular lhe emprestara a preeminência na convulsão revolucionária. Essa opção, na concepção do autor, não amesquinhou a sua figura histórica, que seria grande o bastante para viver eternamente no coração rio-grandense, sem necessidade, para soerguer-lhe o pedestal, de sobrepô-la a outras, que lhe foram pelo menos iguais. Quanto a isso, Ferreira Rodrigues buscava esclarecer que sempre reconhecera, e que nunca cogitara em cingir a frente de Bento com a auréola de republicanismo, o que seria, para um herói de sua estatura, uma triste gloriola, se outros predicados pessoais, se outros feitos, não bastassem para lhe ilustrar o nome²⁶.

²⁵ RODRIGUES, 1906b, p. 22-23.

²⁶ RODRIGUES. 1906a, p. 3-4.

De acordo com a concepção de Rodrigues, não são as idéias políticas que elevam os homens, mas as suas virtudes e os seus grandes feitos, pois os juízos da multidão são como a poeira da estrada. Quanto a Bento Gonçalves, o autor preferia sabê-lo monarquista a sabê-lo traidor, uma vez que ele pusera sempre a pátria acima da república, e pusera sempre o elevado sentimento da dignidade humana acima das paixões políticas de momento. Citando exemplos de personagens históricos que, apesar de monarquistas, serviram, em nome do patriotismo, a causas republicanas, o historiador arrematava afirmando que os homens da revolução de 1835 tiveram, depois, representação na política do império, sem que disso lhes adviesse desdouro, porque continuavam a servir à pátria. Ainda a esse respeito, o escritor destacava que o vulto de Bento Gonçalves não diminuía de proporções e, antes se engrandecera, por saber que, embora conservando as suas convicções monárquicas, continuara a servir ao Rio Grande como no momento podia servi-lo, e que se sacrificou para não abandonar os seus amigos e companheiros de armas²⁷.

Além de intentar “absolver” Bento Gonçalves das tendências republicanas e mormente separatistas, Alfredo Ferreira Rodrigues buscou, incansavelmente, atribuir um caráter heróico a esse líder rebelde, de acordo com a visão de uma história-lição, quer seja, o exemplo dos antepassados como orientador das gerações vindouras. Nesse sentido, Rodrigues foi um dos mais importantes defensores da idéia de edificação de um monumento em homenagem ao chefe farrapo, atuando decisivamente nas tratativas que levaram à ereção do monumento-túmulo a Bento Gonçalves, na cidade do Rio Grande, nos primórdios do século XX. Na justificativa de voto que o escritor publicou, discordando do local escolhido para a localização da estátua, ficaram demarcadas algumas de suas mais notáveis asseverações no sentido da heroificação do general farroupilha.

Ferreira Rodrigues não poupava epítetos elogiosos a Bento Gonçalves, considerado como um herói, dos maiores que teve o Rio Grande, de modo que as homenagens ao mesmo seriam prenes de justiça, pois, com a estátua, estaria se promovendo a elevada significação moral da personalidade e do fato histórico comemorado, ao mesmo tempo que se prestava um ensinamento cívico. Na concepção do historiador, Bento Gonçalves era o herói que personificava todas as “virtudes excelsas de uma raça”, as quais consubstanciavam todas as “tradições viris e guerreiras” de um povo, bem como toda a aspiração, todo o ideal de liberdade, pelo qual o Rio Grande do Sul vinha se

²⁷ RODRIGUES. 1906a, p. 10-12.

batendo, há século e meio, desde a conquista espanhola até então²⁸.

Na edificação do monumento, o escritor rio-grandense buscava consolidar materialmente alguns dos mitos em torno da Revolução Farroupilha, notadamente na personificação da heróica luta da liberdade contra a tirania, a heroicidade do movimento, a justeza dos motivos, a honra dos gaúchos na guerra e na paz e o patriotismo dos rio-grandenses-do-sul. Nesse sentido, defendia a relevância da estátua de um herói, de uma “grande individualidade” como Bento Gonçalves, cujo nome enchia muitas das páginas mais belas e mais viris da história gaúcha e personificava todas as grandezas e todas as virtudes da “geração extraordinária” que sonhou o Rio Grande livre no convívio das nações, defendendo a sua independência durante nove anos, de combate em combate, para só abater armas mediante um tratado honrosíssimo de paz e ante a ameaça da invasão estrangeira²⁹.

Para Ferreira Rodrigues, a estátua de Bento significaria a glorificação do “patriota abnegado”, que duas vezes abandonara uma grande fortuna aos azares da guerra, do “soldado ilustre” que derramara o sangue pela pátria e pela liberdade, encerrando em si um estímulo, um exemplo e um ensinamento cívico para que todos pudessem amar e servir à pátria como teria feito aquele líder militar. O editor do *Almanaque do Rio Grande do Sul* pretendia, assim, levar adiante a “glorificação do herói”, buscando consolidar a imagem deste junto à memória coletiva, de modo a garantir o culto aos “grandes homens do passado” e dos “servidores ilustres da pátria”. Segundo o autor, a estátua tinha um significado alto e nobre, constituindo-se na expressão visível, palpável e material do “fervoroso culto” à memória do “herói cavalheiresco, magnânimo e abnegado”³⁰.

Personagem e evento se mesclavam na concepção mítica construída em torno de Bento Gonçalves e da Farroupilha, de modo que a homenagem em forma de monumento era vista por Rodrigues como a expressão sincera da admiração, do entusiasmo pela “época extraordinária” que o militar personificava melhor do que ninguém e cujos feitos seriam a “glória de uma geração” e o “orgulho de um povo”. Lembrando o conceito de brasilidade atribuído à guerra civil gaúcha, o escritor declarava ainda que a estátua representava a “expressão vivaz e perene” do muito amor ao Rio Grande do Sul e à pátria estremecida. Alfredo Ferreira resumia suas intenções ao afirmar que pretendia

²⁸ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *A estátua do general Bento Gonçalves da Silva: onde deve ser colocada – justificação de voto*. Rio Grande: Livraria Americana, 1904. p. 3-4.

²⁹ RODRIGUES, 1904, p. 6.

³⁰ RODRIGUES, 1904, p. 7, 11 e 13.

consubstanciar a “glorificação do herói”, qualificando a esta, necessariamente, como “elevada e completa”, “patriótica e perfeita”, na “brilhante e magistral” execução de uma obra de arte, como na “permanente e contínua” admiração de todos³¹.

Dessa maneira, a obra de Alfredo Ferreira Rodrigues desempenhou um significativo papel na interpretação historiográfica acerca da Revolução Farroupilha, segundo ele, o mais belo “padrão de glórias” para o povo rio-grandense, que, em quase dez anos de lutas, acentuou vigorosamente o seu valor, o seu patriotismo e a sua abnegação³². O escritor, ao longo de sua carreira, preocupou-se muito com tudo o que se relacionava com a república rio-grandense, reunindo para isso os documentos que pudesse conseguir, para, mais tarde, escrever a história daquela época, por ele considerada como memorável³³. Rodrigues pretendia fazer uma história que se constituísse na glorificação daqueles “heróicos campeões” que souberam manter seus ideais à custa de sacrifícios de toda a sorte³⁴, afirmando querer, de algum modo, tornar-se útil à sua terra, empreendendo escrever a história da revolução de 1835³⁵. Essa produção histórica e muitas das asserções de Alfredo Ferreira viriam a ter grande influência na edificação do movimento farroupilha como o fenômeno crucial da formação histórica gaúcha³⁶.

Assim, a respeito de seu tema predileto de abordagem, a Revolução Farroupilha, Alfredo Ferreira Rodrigues foi gradualmente firmando convicções quanto ao espírito republicano do conjunto dos revolucionários, e progressivamente se afastando da tese – sustentada mormente a partir da propaganda republicana – do republicanismo como verdade inquestionável do conjunto do movimento rebelde, para a certeza de que a república e a ruptura institucional foram frutos das circunstâncias e que não eram elementos constitutivos do pensamento político de muitos dos líderes farroupilhas, dentre eles, principalmente,

³¹ RODRIGUES, 1904, p. 13.

³² RODRIGUES, in: MARIANTE, 1982, p. 63.

³³ Correspondência de Alfredo Ferreira Rodrigues de 28 de maio de 1896 (acervo da Biblioteca Rio-Grandense).

³⁴ Correspondência de Alfredo Ferreira Rodrigues de 31 de outubro de 1896 (acervo da Biblioteca Rio-Grandense).

³⁵ Correspondência de Alfredo Ferreira Rodrigues de 14 de setembro de 1897 (acervo da Biblioteca Rio-Grandense).

³⁶ Texto adaptado a partir de fragmentos de: ALVES, Francisco das Neves. *Cultura & memória no Rio Grande do Sul: estudos históricos*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007; e ALVES, Francisco das Neves. Alfredo Ferreira Rodrigues e a legenda do *decênio heróico*. In: Anais do VII Encontro Estadual de História – ANPUH/RS. Pelotas: ANPUH/RS, 2004.

Bento Gonçalves, buscando também enaltecer a suposta heroicidade desta liderança farrapa. Essas idéias centrais do não-separatismo e do caráter heróico da revolta viriam a ser incorporadas ao conjunto da construção historiográfica sul-rio-grandense, notadamente aquela que prevaleceu a partir dos anos trinta, sustentado a tese da “brasilidade” da Revolução Farroupilha³⁷, ou seja, a tentativa de fazer prevalecer a concepção de que predominara no processo revolucionário um espírito nacional e não de ruptura institucional de parte dos revolucionários que teriam lutado contra um adversário difuso e pouco definido – a “tirania” –, mas não contra o conjunto da “fraternidade” brasileira. Nesse sentido, os escritos de Alfredo Ferreira Rodrigues exerceriam, através da constante reprodução historiográfica, um papel relevante na construção do mito de uma Revolução Farroupilha heróica, moderada, cavalheiresca, não-separatista e, enfim, brasileira, modelando a *legenda do decênio heróico* que viria a se consolidar nas décadas seguintes.

O levantamento de alguns dados sobre a biografia de Alfredo Ferreira Rodrigues permite refletir sobre as dificuldades que o escritor enfrentou ao empreender uma carreira de historiador. Sua árdua empreitada não significou um empreendimento sobre-humano (nos moldes com que muitos discursos historiográficos buscaram retratar e heroificar certos personagens), mas demonstrou significativa vocação e esforço mais que redobrado em atingir uma meta. Suas asseverações viriam a ser fundamentais na construção da historiografia gaúcha que se desencadearia no século XX, fundamentalmente no que tange às pesquisas sobre a Revolução Farroupilha. Uma obra alusiva ao centenário da República Brasileira reflete essa relevância do historiador, ao qualificá-lo como pesquisador probo, que se distinguiu pela paciência na investigação, através da qual se pode retratar alguns dos personagens do período farrapo³⁸. O próprio Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, instituição fundamental para a institucionalização da ciência histórica e da função do historiador, a partir do início do século XX, reconheceria o significado da obra de Rodrigues, ao explicar que seus estudos históricos tiveram grande influência no espírito dos fundadores do IHGRGS³⁹. Ao juntar e estudar documentos no intento de decifrar o passado, ressaltando o papel dos personagens de modo a influenciar as gerações futuras, Rodrigues

³⁷ Sobre este contexto historiográfico, ver: GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1992.

³⁸ BROSSARD, Paulo. Apresentação. In: BROSSARD, P. (Org.). *Vultos e fatos da Revolução Farroupilha – Alfredo Ferreira Rodrigues*. Brasília: Imprensa Nacional, 1990. p. 11.

³⁹ Necrológio publicado na *Revista do IHGRGS*, no primeiro trimestre de 1942. Citado por BROSSARD, 1990, p. 27.

expressou um modo de “fazer história” extremamente perene em sua época e nas décadas seguintes. A faina diária de Ferreira Rodrigues para sustentar a si e sua família – fator que tanto obstaculizou o prosseguimento de sua vocação – constitui sem dúvida a imagem de mais um cidadão brasileiro que trabalha para sobreviver. Entretanto o esforço em amealhar fontes e levar ao público seus estudos serve para revelar o significado historiográfico da obra desse humilde rio-grandino nascido no Povo Novo, cujas asserções foram reproduzidas à extenuação (embora nem sempre citada a sua autoria), influenciando várias gerações de historiadores sul-rio-grandenses.

